

## VOCÊ VAI VOLTAR PRA MIM

Clarissa Loyola Comin<sup>1</sup>

No atual panorama da prosa brasileira *Você vai voltar pra mim* chama atenção pela abordagem crítica, mas de vigor literário, sobre a ditadura militar brasileira (1964-1985). Este poderia ser apenas mais um livro sobre o tema — o que por si já representaria ganho, posto que a temática ainda não foi exaustivamente abordada pela ficção — mas Bernardo Kucinski foi além da simples descrição conteudística e demonstrou segurança em seu novo ofício. As mãos firmes de físico, jornalista e escritor esculpiram, em cada um dos contos que compõem o volume, a faceta cruel de um regime que poucos vivenciaram e muitos sequer sabem o que foi. O autor recupera a aspereza do passado sem aproveitar-se da literatura enquanto mera ferramenta de denúncia factual, demonstrando salutar consciência estética. Apesar disso, Kucinski observa em nota introdutória: “acredito que essas narrativas de cunho literário permitirão sentir um pouco a atmosfera de então, com nuances e complexidades que a simples história factual não conseguiria captar.” (KUCINSKI, 2014, p.7). Ou seja, sua proposta é compor histórias junto com a História, deixando bem estabelecidos os liames e a autonomia dos dois campos, embora fique claro seu posicionamento junto daqueles que sofreram com o regime.

Um dos diferenciais da obra consiste ainda na maneira como a violência — elemento essencial em quase todos os contos — é tratada. Há vários escritos ficcionais

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras, UFPR

que evidenciaram os horrores do regime, mas muitas vezes de modo excessivamente naturalista, como *Em câmara lenta* (1977), de Renato Tapajós, ou ainda de modo puramente testemunhal, como *O que é isso companheiro* (2009), de Fernando Gabeira; aí, ambos pecam por uma ânsia de denúncia que deixa de lado a preocupação estético-formal. Evidente que Kucinski está empenhado em fazer forte crítica contra o regime, mas não em perder de vista o horizonte do literário, cuidado que já foi constatado em seu primeiro romance, *K*.

Publicado em 2014, *Você vai voltar pra mim* é sua primeira investida no gênero conto e rendeu-lhe no mesmo ano o *Prêmio Clarice Lispector* da Fundação Biblioteca Nacional. Em 2011 já havia publicado o romance *K*, pela editora independente Expressão Popular. Neste livro, cuja espinha dorsal também é a ditadura militar, imiscuem-se acontecimentos biográficos marcantes para sua família com adendos ficcionais: a comovente busca de seu pai pela filha, Ana Rosa Kucinski, desaparecida durante o regime. Sem pesar a mão nos biografismos, o escritor consegue conjugar plano ficcional com factual para compor uma narrativa contundente e necessária. Não obstante, também em 2014, foi publicado o romance policial *Alice*, que tem como *plot* o assassinato misterioso de uma professora de Física nas dependências da USP e a ânsia de um detetive velha guarda em resolver o caso *à la* Sherlock Holmes.

*Você vai voltar pra mim* conta com 28 breves narrativas que têm como fio condutor as agruras do regime militar. No entanto, o tratamento concedido em cada uma delas demonstra farta versatilidade, possível a partir da multiplicidade de pontos de vista. Além disso, as personagens-vítimas dificilmente são as enunciadoras de seus próprios relatos. Cada conto mostra como a sociedade — que vai da família dos guerrilheiros (“O velório” e “Joana”), passando pelo núcleo dos militantes clandestinos (“Sobre a natureza do homem” e “Você vai voltar pra mim”), até os bastidores do regime (“Cenas de um sequestro” e “O filósofo e o comissário”) — foi distintamente tocada pela ditadura, sublinhando bem o caráter ambíguo da repressão e as lacunas

deixadas por esse passado enevado. Geralmente fica a cargo de um narrador em 3ª pessoa, ou a alguém ligado às vítimas (amigos, parentes ou cônjuges), a missão de entabular o enredo. Com isso, Kucinski livra-se do risco de apelação emotiva, o que poderia acontecer caso incumbisse a condução dos enredos às vítimas.

Além disso, há uma estrutura *recorrente* na maioria dos contos: presente — passado — presente. Esclarecendo: um narrador no tempo presente que relata um acontecimento passado sobre o regime — que vivenciou ou soube por outras vias — e um desfecho que retorna e cola-se ao presente da narrativa. Recorrente, mas não única, pois o jogo com os tempos de enunciação são diferenciados, uma vez que há contos que se passam no momento ‘presente’ do regime militar, por exemplo. Tal técnica confere dinamicidade à obra e cobra atenção do leitor, pois cada escolha temporal e de ponto de vista implicam em resultados específicos. “A instalação”, exemplo desta técnica, narra o encontro, já na velhice, entre duas primas que jamais haviam se visto: uma que foi esposa de militar, e sequer tem seu nome mencionado, e outra ex-militante. Este trecho evidencia o efeito:

[s]ubiu os degraus devagar, um a um, já preocupada com a volta, quando teria que descer e sentiria as agulhadas no joelho direito. Dez anos haviam passado. O tique nervoso na sobrancelha esquerda, reflexo condicionado das cacetadas, sumira com dois anos de divã, mas a lesão no tendão, de quando a penduraram no pau de arara ficou para sempre. Se soubesse da escadaria, não teria vindo. (KUCINSKI, 2014, p. 135).

Aí, o indireto livre é usado apenas para a personagem que está mais próxima ao narrador: a ex-militante Nair. Já na casa da prima, temos a explicitação do posicionamento: “[n]ossa personagem nunca tinha visto tanto kitsch. *Nouveaux riches*, pensou.” (KUCINSKI, 2014, p. 136).

Apesar da visível adita dos narradores ao longo do livro, isso não significa que as narrativas estão sempre a serviço daqueles engajados na luta. Por exemplo, os contos “Terapia de família” e “A entrevista” são focados, respectivamente, na perspectiva de

um filho depressivo que vê sua vida arrasada por culpa do abandono afetivo do pai, ex-guerrilheiro, e de três filhas que brigam e discutem o caráter heroico do pai, militante desaparecido. Em suma, nestes contos temos uma perspectiva negativa das escolhas tomadas pelos pais, outrora jovens militantes, e suas consequências nas vidas presentes de seus filhos.

Para dar conta da representação da realidade durante o regime, Kucinski vale-se de descrições sucintas e cruas — lembrando alguns contos e novelas de Franz Kafka — ou de uma ironia perversa, aproximando-se do escritor austríaco Thomas Bernhard, observadas, sobretudo, no conto homônimo ao livro, “Você vai voltar pra mim”. Nele acompanhamos uma prisioneira política no momento em que vai a julgamento, esperando obter sua liberdade, mas que, enganada pelo juiz, termina voltando para as mãos de seu algoz. O desfecho evidencia perversa ironia bernhard-kafkiana e a grande tensão que daí deriva, sublinhada, no âmbito formal, pela mudança do tempo verbal — antes no passado — para o presente apenas no final do conto:

[d]e novo *está* só no camburão. *Percebe* que é o mesmo que a trouxe e se inquieta. Passa a observar o trajeto pela grade de ventilação. *Vê*, aterrorizada, entrarem pelo mesmo portão através do qual haviam saído para o tribunal. O camburão *para*, a porta se *abre*. O torturador *diz*, sorrindo: – Eu disse que você ia voltar pra mim, não disse? Vem benzinho, vamos brincar um pouco. Ele a *agarra* e a *arrasta* para fora. Os outros em volta *riem*. (KUCINSKI, 2014, p. 71).

Com isso, vemos que o conjunto final dos textos soa harmônico justamente porque não foi escrito no calor do momento. Kucinski esperou que os anos corressem para si e para a história, para então recuperar o aparente esquecimento. Deste modo, ele nos mostra que, mais do que imaginávamos, os anos de chumbo marcaram profundamente a vida do país. Direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente — como é o caso das crianças e dos iletrados — todos partilhavam do desastre subterrâneo. A impressão que a obra passa para aqueles que, como eu, não viveram durante a ditadura militar, é a de um período de silenciosa e intensa violência,

vislumbrada apenas por breves relances. A geração de 1964, a nossa e, principalmente, as que virão, agradecem o cuidado ético-estético ao retratar um dos momentos mais sinistros do nosso passado recente.

## REFERÊNCIAS

GABEIRA, F. *O que é isso, companheiro?* São Paulo: Cia. Das Letras, 2009.

KUCINSKI, B. *Você vai voltar pra mim.* São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TAPAJÓS, R. *Em câmara lenta.* São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

Submetido em: 03/03/2015

Aceito em: 17/03/2015